

O filho de José e de Maria
nasceu como todos os filhos dos homens,
sujo de sangue de sua mãe,
viscoso das suas mucosidades
e sofrendo em silêncio.
Chorou porque o fizeram chorar,
e chorará por esse mesmo
e único motivo.

de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*,
José Saramago



o presépio está vazio

A PANDEMIA AFETA O NATAL: limitações nos encontros e nas viagens, diminuição dos contactos, eliminação da Missa do Galo à meia-noite, proibição do desfile dos Reis magos, encerramento de muitas lojas e restaurantes, ausência de abraços.

Há humoristas que no apresentam José e Maria de máscara, garantindo que os pastores têm de fazer fila para visitar o menino, e guardar as devidas distâncias, sem se esquecerem de utilizar o gel, que os Reis Magos, para se deslocarem a outro país, precisam de permissão de viagem e de fazer teste.



24.11.20
Facetoons <https://www.facebook.com/anterozoido/posts/2130265923773350> (27.11.2020)

Porém, a última novidade deste ano é o facto do presépio se apresentar vazio, e de os anjos de Belém nos dizerem o mesmo que os anjos disseram às mulheres que foram com perfumes ao sepulcro de Jesus: “Não está aqui”.

Jesus, farto das hipocrisias e contradições do Natal, transformado numa festa de consumo, iluminações, aparências e superficialidades, Pais Natais e solstício de inverno, tudo o que há de mais oposto ao seu nascimento, abandonou o presépio. O Natal passou as marcas. **Onde está Jesus?**

Jesus não está nas fábricas de armamento, nem com os narcotraficantes, nem em Wall Street, nem em Davos, nem com as multinacionais que destroem a

Amazónia e o Congo, nem com os dirigentes que fecham as suas portas e os seus portos aos emigrantes, nem com os bancos que exigem os despejos dos mais vulneráveis, nem com os que, como abutres, se aproveitam da pandemia para os seus interesses económicos e políticos, nem com os que escondem o seu dinheiro em paraísos fiscais, nem com os que silenciam e agridem mulheres, nem com os polícias que asfixiam negros, nem com os terroristas assassinos, nem com os que marginalizam os homossexuais e os restante elementos LGBTBT, nem com os dirigentes que jogam golfe, enquanto que os seus subordinados morrem de coronavírus.

“Onde está Jesus?”, perguntamos nós aos anjos de Belém, e eles nos responderão o mesmo que os anjos disseram às mulheres que, na manhã de Páscoa, foram ao sepulcro: na Galileia. A Galileia era um lugar simples, pobre, desconhecido e

desprezado, onde viviam Maria e Jesus, onde Jesus viveu a maior parte da sua vida, e onde começou a pregar o evangelho.

Onde está a Galileia hoje em dia, onde está Jesus neste nosso Natal? Nos hospitais, com os médicos, com os enfermeiros e restantes profissionais de saúde, que tratam dos doentes com risco da própria vida, com os que investigam novas vacinas; com os doentes e com os que morrem sós, com os que acompanham o luto dos outros, nos lares de idosos, nas famílias que vivem encerradas, meses seguidos, em andares minúsculos, com as famílias vítimas de despejo, com os aprisionados nos Centros de Internamento para Estrangeiros e nas cadeias. Mas Jesus está, também, com os longínquos migrantes que atravessam o Mediterrâneo, com aquele menino que morre afogado no mar, enquanto a sua mãe grita angustiada, pedindo que alguém o salve. Jesus está em Lampedusa e nas Canárias, com os palestinianos sem Estado, com os rohingyas refugiados no Bangladesh, com os arménios que choram os seus mortos, com os jovens que lutam pela liberdade e democracia em Hong Kong e na Bielorrússia, com ao que defendem os direitos das mulheres e a ecologia.



Refugiados e EU. Vasco Gargalho, cartunista português (10.11.2016)

Jesus está com as professoras e professores que dão tudo o que podem para que as suas crianças e jovens

possam estudar, com os voluntários que distribuem comida, com os que trabalham no comércio, nos transportes e nas limpezas, para que a sociedade não colapse, com os sem trabalho, sem teto e sem futuro, com os sacerdotes, leigos e religiosas que, através da rádio, da televisão, do You Tube ou Zoom, animam a nossa fé, anunciam a Palavra, rezam, consolam, nos encham de esperança.

Talvez este ano não possamos cantar juntos a *Noite de Paz*, o *Singing Bells* e outras canções tradicionais do Natal..., mas poderemos recordar e viver que “Onde há caridade e amor, aí habita Deus”.

Sonhemos, juntos, em construir um mundo diferente, um futuro melhor, de fraternidade e sororidade, em cuidar da nossa casa comum e, então, Jesus regressará, de novo, ao presépio.

VICTOR CODINA

<https://blog.cristianismeijusticia.net/author/victor-codina> (09.12.2020)

Não pode haver tristeza quando nasce a vida (Leão Magno).

O Natal é muito mais que todo esse ambiente superficial e manipulado que se respira nestes dias nas nossas ruas. Uma festa muito mais profunda e alegre que todos os sistemas da nossa sociedade de consumo.

Os crentes, têm que recuperar de novo o coração desta festa e descobrir detrás de tanta superficialidade e aturdimento o mistério que dá origem à nossa alegria. **Temos que aprender a “celebrar” o Natal.** Nem todos sabem o que é celebrar. Nem todos sabem o que é abrir o coração à alegria.

E, no entanto, não entenderemos o Natal se **não sabemos fazer silêncio no nosso coração**, abrir a nossa alma ao mistério de um Deus que se aproxima de nós, alegrar-nos com a vida que se nos oferece e saborear a festa da chegada de um Deus Amigo.

No meio do nosso viver diário, por vezes tão aborrecido, apagado e triste, convida-se à alegria. ***Não pode haver tristeza quando nasce a vida*** (Leão Magno). Não se trata de uma alegria insípida e superficial. A alegria de quem está alegre sem saber porquê.

”Temos motivos para o júbilo radiante, para a alegria plena e para a festa solene: Deus fez-se homem e veio para viver entre nós” (Leonardo Boff). **Há uma alegria que só se pode desfrutar por quem se abre à aproximação de Deus** e se deixa atrair pela Sua ternura.

Uma alegria que nos liberta de medos, desconfianças e inibições ante Deus. **Como temer um Deus que se nos aproxima como um menino?** Como esquivar-se a quem se nos oferece como um pequeno frágil e indefeso?

Deus não veio armado de poder para impor-se aos homens. Aproximou-se com a ternura de um menino a quem podemos acolher ou rejeitar.

Deus não pode ser já o Ser “omnipotente” e “poderoso” que nós suspeitamos, fechado na seriedade e no mistério de um mundo inacessível.

Deus é este Menino entregue carinhosamente à Humanidade, este pequeno que procura o nosso olhar para nos alegrarmos com o Seu sorriso.



Natal de um Menino envolto em panos.
Desenho de Mário Rita, 1991

O acontecimento de que Deus se fez menino diz muito mais de como é Deus do que todas as nossas reflexões e especulações sobre o Seu mistério. Se soubéssemos deter-nos em silêncio ante este menino e acolher desde o fundo do nosso ser toda a proximidade e a ternura de Deus, talvez entendéssemos por que o coração de um crente deve estar afetado de uma alegria diferente nestes dias de Natal.

JOSÉ A PAGOLA

Feliz Natal de Ano Bom e Futuros melhores

PELA SUA PRÓPRIA ETIMOLOGIA LATINA, E NA LINGUAGEM CORRENTE, PROFECIA quer dizer predição, quase como adivinhar o futuro. Todavia, a figura do profeta, bíblica e não só, desenha-se mais pela sua inspiração divina do que por habilitações de pitonisa. Nesse sentido, a profecia é sobretudo o anúncio ou transmissão de desígnios divinos sobre a vida e a história dos seres humanos. Não tem termo certo, é sempre o início de um percurso de conversão, a partir de uma nova leitura dos sinais dos tempos. Assim também, as narrativas bíblicas, tantas vezes inspiradas ou copiadas de tradições antigas, serão mitos, tal como os seus respetivos originais. Mitos, sim, mas não no sentido de fantasias pretensamente reais. Antes como interrogações sobre a nossa humana condição. Frei Philippe Lefebvre, frade dominicano e professor de teologia e exegese bíblica na Universidade de Friburgo (que é, como outras na Suíça, uma universidade do Estado) realça bem que *há pais assassinos na Bíblia, como nos mitos, como na vida real.*

Resumindo, a questão não é saber se tal caso aconteceu, mas se a parábola mítica nos faculta uma palavra mais fundamental sobre a condição humana. Respondo que sim e que, por isso mesmo, os autores bíblicos retomaram e utilizaram os mitos por conta própria.

A celebração do Natal de Jesus é, profeticamente, em cada aniversário, o anúncio da glória celestial de Deus que se irá realizando na terra pela boa vontade dos humanos na construção da justiça e da paz. Na verdade, cada festa desse Natal é afinal um apelo, uma vocação, a que tudo façamos para que o novo ano que se aproxima seja, como lhe chamavam os nossos antigos, ANO BOM... e assim também sejam todos os mais em tempos da nossa vida. Eis o que quero acentuar quando dou um jeito especial aos meus votos e desejo Feliz Natal *de* Ano Bom: peço que este Natal seja nascimento *de* um Ano Novo Bom e com vista para outros, melhores ainda, que hão de vir! Faço votos de um Feliz Natal de tempos novos!

Talvez por pensar e senti-lo tanto assim este ano, me ocorreu concentrar o meu olhar sobre sinais dos tempos que vivemos. Dizem-nos, diariamente, os noticiários que este mundo se vai cobrindo de dramas da migração de infelizes, e, por outro lado, de greves e

reivindicações de tudo e sobre o mais que houver... E à chuva noticiosa vem depois ainda acrescentar-se, mais ou menos conformemente aos variegados indignados em moda, uma invasão de comentários que falam de tudo sem o fôlego requerido por qualquer alma que queira mesmo chegar ao fundo das questões. Ficamos sem perceber porque permanecem tantas perguntas sem resposta capaz.

Dos muitos sinais que por aí se vão intermitentemente acendendo escolhi, para esta breve mensagem de Natal, os muitos afrontamentos que se agitam em redor da distribuição dos rendimentos e, nas avaliações de orçamentos de receitas e despesas públicas, sobre a questão do jurado equilíbrio das contas ou da fugidia sustentabilidade da segurança social. Conflitos que, aliás, surgem num cenário geral de desigualdade económica e social, mesmo em sociedades afluentes ou relativamente abastadas, cujas populações já não padecem situações de grande pobreza e necessidade, violência infligida, esquecimento ou ostracismo. Na verdade, nos países ditos desenvolvidos ou industrializados, as contendas mais comuns e frequentes traduzem sobretudo contradições inerentes ao modelo em

voga do chamado capitalismo liberal. A desenfreada promoção do consumismo - fomento de compras muitas vezes supérfluas para aumentar lucros do capital e seus agentes, correndo até o risco da facilitação do crédito ao consumo que já tantos "buracos" financeiros gerou - não tem tido apenas efeitos económicos, pois atinge confusamente a própria racionalidade das opções do comportamento do mesmo *homo economicus*, e cria fantasiosas visões do mundo, da vida, do futuro, que cativam as mentes e comprometem a liberdade interior de cada um e a boa relação de pessoas e comunidades. A outra face dessa bússola moral e social em que se tornou a prossecução do lucro, é já hoje a generalizada orientação das gentes para o máximo usufruto e conforto dos bens oferecidos nos mercados. Consequentemente, o desejo de encontrar e garantir maior aumento das suas posses, através do crescimento máximo dos seus rendimentos próprios. Só marginalmente, na periferia dos debates próprios do sistema político, social e económico, vem finalmente ocorrer qualquer chamada à responsabilidade pública e coletiva - preferiria chamar-lhe comunitária - na solução de situações puramente humanas de abandono por desleixo. Os cuidados paliativos que tantas organizações civis e muitas pessoas generosamente providenciam são, para além do seu mérito próprio, mais gritos de alerta do que reformas eficazes de um sistema político e social, cuja cultura inspiradora e envolvente temos de rever urgentemente. Para um cristão, por exemplo, o tempo do advento e a celebração do Natal anunciam claramente que o Evangelho de Jesus é o anúncio da Boa Nova aos pobres.

Perante tantas insolúveis questões sobre concórdia, justiça e paz nos sistemas vigentes, impõe-se que saibamos rever o atual modelo económico e social e, inspirados pela profundíssima humanidade do nascimento de Jesus, Deus e Palavra feito carne, e que trabalheemos pelo bem por vir. Bem lembrados ainda das desutilidades, deseconomias e mais desastres que tal sistema vai provocando, sobretudo nas regiões do globo em que se esquecem as pessoas pela ganância do proveito, e se exploram riquezas naturais, sem cuidar dos prejuízos que, em consequência, possamos causar à casa de todos nós. As reformas necessárias a um sério esforço de melhoria da situação global, que inevitavelmente passará pelo estabelecimento da justiça económica e social não são essencialmente problemas

técnicos a resolver. Antes radicam, devem radicar, em considerações humanistas e fortaleza moral. É hora de escolhermos, contra o princípio do lucro ou da riqueza como medida de todas as coisas, uma economia humanista em que seja o ser humano a nossa medida e a nossa bússola. Como já disse o Prof. Adriano Moreira, pobres de nós que substituímos o valor pelo lucro.

Façamos votos de que o carinho que reunir, na noite deste Natal, tantas famílias tradicionais - e tantas outras que a emoção do momento ou a cultivada generosidade do amor fraterno conseguir congregar-nos aqueça, a todos nós, o coração. E que esse maravilhoso instante de comunhão não nos deixe esquecer o cumprimento do dever cívico de trabalharmos, com inteligência e vontade, pela realização dessa profecia que nos anuncia ser glória de Deus o anúncio da boa nova aos pobres. E pobres somos todos, sobretudo em tempos tão carenciados de solidariedade e da inteligência e boa vontade necessárias à sua construção.

Mando-vos um abraço a dizer Feliz Natal!

CAMILO MARIA

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/feliz-natal-de-ano-bom-e-futuros-844342>
(22.12.19)

os dois natais

OMENINO JESUS, deitado, olhava em volta e não compreendia. Entrevia difusamente o rosto fatigado da mãe, o vulto de S. José mais atrás, os grandes olhos da vaca e do burro fitando-o. Chegavam-lhe, de forma obscura, o murmúrio das vozes e o cheiro acre dos animais; tinha frio. Via também, ao longe, como num sonho, rostos disformes, punhos, gente gritando, a enorme sombra de uma cruz; e não compreendia.

A dor, quando as mãos trémulas da mãe cortaram o cordão umbilical, o sabor do sangue dela na boca, as primeiras lágrimas, a primeira carícia, o corpo de Nossa Senhora, branco e transido, junto de si, era tudo tão estranho! Um deus, sobre húmidas palhas, coberto de trapos, aprendia naquelas instantes coisas graves e essenciais o frio, a dor, o mistério dos sentidos, o medo indistinto de algo que ainda não podia saber.

O deus transformara-se num frágil e confuso ser de sangue e de músculos, tocado por um dom extraordinário e novo, o da vida. Os pulmões do menino enchiam-se de áspero ar, os olhos de incompreensíveis imagens do mundo vasto e profundo do estábulo e o sangue corria violentamente nas suas veias, líquido e quente, ruborizando-lhe as faces. E, quando os seus pequenos dedos afloraram pela primeira vez o rosto próximo da mãe, o deus aprendeu subitamente, com uma alegria desconhecida, qualquer coisa densa e maravilhosa inacessível aos deuses.

Por um singular milagre repetido, um homem igual aos outros homens jazia imensamente numa tosca manjedoura, no

fim de uma longa viagem interior. Um homem condenado a viver uma tragédia absurda, como a de todos os homens, um homem solitário e ferido de brusca e humana vida, tocado pela glória extrema da transformação e da morte. Os seus olhos olhavam pela primeira vez tudo, incapazes talvez de compreender o íntimo desígnio divino que o movia. Em algum improvável lugar, no entanto, os deuses conheciam agora algo único e absoluto sobre os homens e sobre si mesmos.

Pelo segredo essencial da infância, da «balya», por onde passa o caminho dos homens para o reino dos céus, passava também, naquele instante, o caminho dos deuses para a terra dos homens. Um deus nascera entre os homens, mas um homem como todos os outros homens nascera igualmente entre os deuses.



Presépio. Júlia Ramalho

E enquanto, no estábulo de Belém, o menino deus sorvia sofregamente o peito quente da mãe, noutra estábulo, noutra lugar, Adão menino estendia os braços e chegava sem culpa e sem pecado aos ramos altos da árvore proibida.

MANUEL ANTÓNIO PINA (1943-2012).
Jornalista e Escritor.
http://jn.sapo.pt/2007/12/25/ultima/os_dois_natais.html
(*Folha Dominical*, nº 1639, de 27.12.2009).



OS EVANGELISTAS apresentam a Virgem

com traços que podem reavivar a nossa devoção a **MARIA, A MÃE DE JESUS**. A sua visão ajuda-nos a amá-la, meditá-la, imitá-la, rezá-la e confiar nela com espírito novo e mais evangélico.

MARIA é a grande crente. A primeira seguidora de Jesus. A mulher que sabe meditar no seu coração os atos e as palavras do seu Filho. A profetisa que canta a Deus, salvador dos pobres, anunciado por Ele. A mãe fiel que permanece junto ao seu Filho perseguido, condenado e executado na cruz. Testemunha de Cristo ressuscitado, que acolhe junto aos discípulos o Espírito que acompanhará sempre a Igreja de Jesus.

Lucas, por seu lado, convida-nos a fazer nosso o canto de Maria, para nos deixarmos guiar pelo seu espírito até Jesus, pois no **«Magnificat»** brilha em todo o seu esplendor a fé de Maria e a sua identificação maternal com o seu Filho Jesus.

MARIA começa por proclamar a grandeza de Deus: *«o meu espírito alegra-se em Deus, meu salvador, porque olhou a humilhação da sua escrava»*. Maria é feliz porque Deus pôs o seu olhar na sua pequenez. Assim é Deus com os simples. Maria canta-o com o mesmo gozo com que bendiz Jesus ao Pai, porque se oculta a *«sábios e a entendidos»* e se revela

seguidora fiel de Jesus

«aos simples». A fé de Maria no Deus dos pequenos faz-nos sintonizar com Jesus.

MARIA proclama Deus *«Poderoso»* porque *«a Sua misericórdia chega aos Seus fiéis de geração em geração»*. Deus coloca o Seu poder ao serviço da compaixão. A Sua misericórdia acompanha todas as gerações. O mesmo prega Jesus: Deus é misericordioso com todos. Por isso diz aos seus discípulos de todos os tempos: *«sede misericordiosos como o Vosso Pai é misericordioso»*. Desde o seu coração de mãe, Maria capta como ninguém a ternura de Deus Pai e Mãe, e nos introduz no núcleo da mensagem de Jesus: Deus é amor compassivo.

MARIA proclama também ao Deus dos pobres porque *«derruba do trono os poderosos»* e os deixa sem poder para oprimir; pelo contrário, *«enaltece os humildes»* para que recobrem a sua dignidade. Aos ricos reclama-lhes o que foi roubado aos pobres e *«despede-os vazios»*; pelo contrário, aos famintos *«enche-os de coisas boas»* para que desfrutem de uma vida mais humana. O mesmo gritava Jesus: *«os últimos serão os primeiros»*. Maria leva-nos a acolher a Boa Nova de Jesus: Deus é dos pobres.

MARIA ensina-nos como ninguém a seguir Jesus, anunciando o Deus da compaixão, trabalhando por um mundo mais fraterno e confiando no Pai dos pequenos.

JOSÉ A PAGOLA